

Mafalda de Faria Blanc. *Estudos sobre Heidegger* (Lisboa: Guerra e Paz, 2018), 342 pp. ISBN: 978-989-702-437-5.

O livro *Estudos sobre Heidegger* de Mafalda Faria Blanc reúne os trabalhos dedicados pela Autora à filosofia heideggeriana entre os anos de 2012 e 2018, publicados de forma dispersa em diversos contextos e revistas científicas. Apesar de se tratar de uma coletânea de trabalhos publicados em sedes distintas, o livro apresenta uma singular unidade. Não se trata de simples recolha, mas da tradução de um diálogo coerente e fecundo com o filósofo cuja obra mais profundamente tem inspirado o seu trabalho. Ao longo dos dezassete ensaios que compõem o livro, a Autora expõe-nos uma visão abrangente do pensamento de Heidegger, percorrendo, de forma panorâmica, aquilo a que o próprio filósofo chamou o seu caminho de pensamento, o seu *Denkweg*. Partindo do modo como o próprio Heidegger auto-interpreta o seu pensamento, a Autora aborda o pensamento deste filósofo não pelas suas obras, mas pelos caminhos que percorre e permite abrir (*Wege – nicht Werke*). Segundo Heidegger, tais caminhos não são ocasionais nem acidentais, dependentes de uma mera subjectividade ocasional, mas decorrem antes de um desdobramento intrínseco a um pensar que pertence ao ser e é por ele apropriado e propiciado. Na linha de Heidegger, Mafalda Faria Blanc tem como primeira preocupação acompanhar um tal desdobramento imanente, mostrando, a partir dele, a unidade do pensamento heideggeriano.

No primeiro e mais extenso estudo do volume, intitulado *Um Programa Filosófico*, a Autora sugere a possibilidade de surpreender, no percurso de pensamento de Heidegger, três momentos que correspondem não a fases ou etapas no desenvolvimento deste pensamento, mas a vias abertas pelos envios do próprio ser no seu endereçar-se ao pensar. O primeiro momento, explicitamente identificado por Heidegger, consiste na via transcendental da análise *existenciária* do ser-aí. Esta, que encontra nos cursos de Marburgo o seu desenvolvimento e culmina na publicação de *Ser e Tempo* em 1927, parte do carácter ôntico-ontológico do ser-aí e encontra na análise da sua temporalidade finita o acesso essencial para a abordagem da temporalidade do ser. Mafalda Faria Blanc mostra bem de que forma o projeto de constituição daquilo a que Heidegger chamou ontologia fundamental não pode deixar de partir desta via, movendo-se da temporalidade do ser-aí (*Zeitlichkeit*) para a temporalidade do ser (*Temporalität*), num percurso que ultrapassa a própria ontologia e, num movimento de regresso a que Heidegger chama “viragem” (*Kehre*), prevê a possibilidade do desenvolvimento metontológico de ônticas regionais.

Do segundo ao sexto estudo do livro, a Autora aborda com detalhe as características fundamentais desse primeiro acesso ao ser mediante a analítica existenciária do ser-aí. A abordagem é completa e detalhada. Vemos aqui surgir, de forma muito sólida e clara, o retrato do modo como Heidegger se confronta com a sua herança católica, o neokantismo em que é formado sob a orientação de Rickert e a fenomenologia de Husserl, do mesmo modo que se descreve a forma como se situa – diferenciando desde logo o seu projecto de uma refundação da metafísica – face à inspiração sobre ele exercida pelos estudos de Dilthey conducentes à fundamentação epistemológica da história como “ciência do espírito”. A abordagem da via de análise existenciária

culmina num amplo estudo – o sexto – que se centra no cruzamento dos conceitos de existência, ipseidade e ser em *Ser e Tempo*. O conceito de ipseidade, que é aqui o eixo central, permite à Autora tratar articuladamente os conceitos fundamentais que Heidegger explora nas duas secções da primeira parte de *Ser e Tempo* (a parte publicada da obra), abordando o ser-aí como uma “pertença a si” (*Jemeinigkeit*) marcada pelo *estar-lançado* do seu *ser-no-mundo* (*In-der-Welt-sein*).

Encontrando na análise existenciária do ser-aí a “experiência da singularidade” aberta pela angústia, cuja súbita emergência o leva ao abandono da tagarelice quotidiana em que quase sempre se encontra imerso na vida pública de uma mediania impessoal, a Autora mostra como esta remete para a finitude que desperta o apelo para se assumir como ser que está já sempre em falta (*Schuldigsein*). É este apelo que, situando-o na abertura do horizonte finito do ser para a morte (*Sein zum Tode*), o faz emergir no seu ser próprio ou autêntico como ser-possível, exigindo-lhe uma confrontação pensante com uma metafísica que, medindo o ser como algo que simplesmente está aí diante (*Vorhandensein*), esqueceu o seu próprio modo de ser. O tema da “desconstrução” ou a “desmontagem” (*Destruktion*) é abordado como preparação de um projecto de refundação da metafísica. A Autora defende a linha de interpretação segundo a qual, apesar de o plano inicial de *Ser e Tempo* ter sido interrompido, a terceira secção da primeira parte da obra encontra uma sua elaboração nas lições do Semestre de Verão de 1927, *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. Os quatro problemas fundamentais identificados por Heidegger – a tese kantiana de que o ser não é um predicado real, a tese aristotélica-medieval da articulação interna do ser entre *essentia* e *existentia*, a tese moderna de que o ser se divide nos modos do espírito (*res cogitans*) e natureza (*res extensa*) e o carácter veritativo do ser na sua função de cópula no enunciado – são abordados neste sentido. Com breves referências ao livro *Kant e o Problema da Metafísica* (1929), mostra-se também aqui como, segundo Heidegger, é possível surpreender em Kant o vislumbre de uma análise existenciária que recua diante da temporalidade finita do ser-aí e volta a cair numa metafísica do sujeito.

O segundo momento da filosofia de Heidegger a que a Autora dedica a sua atenção consiste naquilo a que chama a “via onto-histórica” no acesso ao ser. Trata-se do pensar da história do ser (*seynsgeschichtliches Denken*) que Heidegger elabora na década de 1930, após o seu regresso à Universidade de Freiburg. O que caracteriza esta via é o recuo do acesso transcendental ao ser através de uma análise existenciária da temporalidade do ser-aí e o aprofundamento da temporalidade do próprio ser, a que corresponde uma radicalização da finitude no próprio ser e a sua precedência face à finitude do seu próprio “aí”. Neste âmbito, no sétimo estudo, a Autora mostra como um jogo de doação e retenção se instala no próprio ser enquanto finitude, numa articulação interna que lhe permite emergir como o “início” (*Anfang*) da história, um início que, longe de se esgotar como um mero começo (*Beginn*), permanece como apelo à sua retomada. E, na sequência, nos dois estudos seguintes, dedica a sua atenção ao modo como Heidegger se confronta com Aristóteles e com Hegel. Por um lado, mostra-se como a interpretação de Aristóteles, presente desde os cursos da primeira fase de leccionação em Freiburg, o conduz à desobstrução de um acesso que permita ver nele, particularmente no seu conceito de potência (*dúnamis*), um sentido

mais originário da *phúsis*. Por outro, faz-se ver como a confrontação com Hegel lhe permite pensar a temporalidade e a finitude do próprio ser, a sua negatividade originária, como algo irredutível à negação que o absoluto da Ideia permitiria, no idealismo hegeliano, resolver e superar.

O décimo estudo – intitulado *História, Sentido e Escatologia* – introduz um momento de recapitulação, balanço e retoma de todo o “programa” heideggeriano, ao mesmo tempo que se anuncia aquilo a que a Autora chama a terceira via do pensamento de Heidegger. A Autora chama-lhe a “via da origem”. Se a distinção entre a via transcendental da análise existenciária do ser-ai para a via onto-histórial é explicitamente abordada por Heidegger, a emergência daquilo a que a Autora chama “via da origem” como uma terceira via de elaboração da questão do ser é menos clara que a transição anterior. A própria Autora admite que pode “parecer artificial a separação entre a via onto-histórial e aquela que apelidámos de via da Origem” (p. 48), embora a evocação desta via seja fundamental para aludir ao modo como o ser não se sedimenta num fundamento, mas, ao dar-se retraindo-se, constituindo um fundo sem fundo, um abismo, acontece num “acontecimento de apropriação” (*Ereignis*) em que ser e ser-ai se co-pertencem. É este ser – um ser que é o seu dar-se como espaço-tempo retraindo-se sobre si mesmo – que constitui a origem, o início para o qual o homem é chamado a executar um salto (*Sprung*). É na tentativa de pensar até ao fundo este salto, abordado a partir do décimo terceiro estudo tal como aparece nas *Contribuições para a Filosofia*, que culmina o livro de Mafalda de Faria Blanc. Esta colecção de estudos está destinada a ser uma peça fundamental na bibliografia dedicada aos estudos heideggerianos em língua portuguesa.

*Alexandre Franco de Sá*

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
alexandre\_sa@sapo.pt

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_56\\_12](https://doi.org/10.14195/0872-0851_56_12)